

## ELEIÇÕES

Ex-prefeito Fernando Pimentel defende que a escolha do candidato da base de Lula para disputar o governo de Minas só seja feita depois que o quadro nacional estiver definido

# Sem pressa para tomar decisão

BERTHA MAAROUN

Um dia depois de o ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias (PT), ter admitido a possibilidade de não se desincompatibilizar caso não viabilize a sua pré-candidatura ao governo de Minas, o ex-prefeito de Belo Horizonte Fernando Pimentel (PT), também pré-candidato, procura ganhar tempo.

De olho no crescimento da candidatura presidencial de Dilma Rousseff (PT) e na preferência manifesta pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva pelo nome do ministro das Comunicações, Hélio Costa (PMDB), para encabeçar um palanque único da base aliada em Minas, Pimentel assinala: "Qualquer definição antes de 2 de abril é precipitada. Ainda nem sabemos se José Serra (PSDB) é candidato. Vamos esperar. Quando o quadro nacional estiver definido, poderemos debater quem será o indicado da base para concorrer ao governo do estado".

Segundo Fernando Pimentel, depois que o PSDB tiver formalizado a sua pré-candidatura presidencial, os três pré-candidatos ao governo de Minas da base de Lula poderão se acertar a partir da realização de uma série de pesquisas propostas por Hélio Costa. "É preciso tempo para discutir. É realista imaginar que só vamos tomar decisão em maio. Vamos trabalhar por um palanque único, mas não há qualquer definição sobre qual palanque será esse. Não há pressa", disse. Tanto Pimentel quanto



EMMANUEL PINHEIRO/EM/D.A.PRESS - 6/12/09

“

Quando o quadro nacional estiver definido, poderemos debater quem será o indicado da base para concorrer ao governo do estado

”

■ Fernando Pimentel (PT), ex-prefeito de Belo Horizonte

Patrus já descartaram a possibilidade de concorrer ao Senado e de serem candidatos a vice na chapa. Da mesma forma, Hélio Costa.

Enquanto Pimentel contempla, o presidente do PT de Minas, Reginaldo Lopes, volta a confrontar a tese do palanque único no estado. Ontem, ele se reuniu com o vice-presidente da República, José Alencar Gomes da Sil-

va (PRB). Ouvia de Alencar o que já tinha ouvido antes: a partir dos resultados dos exames de saúde, esperados para 17 deste mês, poderá ter uma posição definitiva sobre a possibilidade de se candidatar a qualquer cargo que possa contribuir, em Minas, para a eleição de Dilma Rousseff.

"Se a tática for o palanque único, como deseja Lula, o único mo-

delo é com José Alencar candidato. OPT de Minas não aprovou outro modelo", disse Reginaldo Lopes, sugerindo que em qualquer outra hipótese o partido terá candidatura própria. "O palanque no estado não influencia na campanha presidencial. Não vejo por que não podemos ter dois palanques da base, um do PMDB e outro do PT", insistiu. Para Reginaldo Lopes, só a

hipótese José Alencar unifica a legenda. "José Alencar é unanimidade no PT. O modelo Alencar não tem resistência porque ele é nosso filiado honorário", afirmou.

Enquanto o presidente do PT de Minas tenta driblar o presidente da República, Lula segue sinalizando aos aliados mais próximos que Hélio Costa é a melhor opção, pois, além de facilitar a

aliança nacional com o PMDB, é hoje líder das pesquisas de intenção de voto. Lula tem afirmado aos interlocutores que Hélio Costa sozinho já tem mais de 40% das intenções de voto. Para o presidente da República, com o apoio do PT em Minas, Hélio Costa chegará lá e o PMDB nacional selará a coligação com a sua candidata, Dilma Rousseff.

## MARCOS COIMBRA

SOCIÓLOGO E CIENTISTA POLÍTICO  
MARCOS.COIMBRA@UAI.COM.BR



MARCOS MICHELIN/EM

## Nova pesquisa

A pesquisa do Datafolha sobre a sucessão presidencial divulgada domingo não diz quase nada de novo. Melhor dizendo: ela tem sim uma novidade, que é mostrar que nada mudou nas intenções de voto entre janeiro e os últimos dias de fevereiro, quando foi concluída.

Nas pesquisas, isso acontece muitas vezes. Elas não são relevantes apenas quando revelam coisas novas, pois confirmar o que outras dizem é também importante.

O quadro geral que a pesquisa descreve é praticamente igual ao que conhecemos desde meados de janeiro, quando se constatou uma sensível alteração nas intenções de voto que tínhamos no fim de 2009. Duas pesquisas apontaram essa mudança, feitas pela Sensus e a Vox Populi.

Em ambas, a diferença de Serra para Dilma (na lista com Ciro Gomes) ficava entre 5 (Sensus) e 7 (Vox) pontos percentuais, subindo um pouco quando restava apenas Marina como opção (quando passava para 9 pontos, segundo a Vox, e 12, segundo a Sensus). Na de agora, a vantagem de Serra ficaria em 4 pontos, no primeiro caso, e 7, no segundo.

Rigorosamente falando, são pesquisas idênticas. Por isso, dizem as mesmas três coisas fundamentais:

1) de dezembro para cá, que Serra caiu e Dilma subiu, em proporções muito parecidas ou até iguais, conforme o cenário e o instituto (no Datafolha, Serra perde 5 pontos percentuais e Dilma ganha 5; na Vox, 8 pontos de queda e 8 de subida). Ou seja, é como se tivesse havido uma transferência "perfeita" de intenções de voto do governador para a ministra.

2) que há uma maior vantagem para Serra quando Ciro sai da lista, o que leva alguns a deduzir, erroneamente, que "Ciro tira votos" de Serra. Na verdade, o que acontece é um movimento da parcela de eleitores que só conhece os dois e que nem sabe quem são Dilma e Marina. Quando o nome de Ciro é retirado, essas pessoas ficam sem opção e dizem que votariam em Serra.

3) que Ciro e Marina não se mexeram, o que é ruim para os dois e pior para Ciro, que teve a propaganda partidária do PSB ao seu dispor, sem consequências.

Considerando as três pesquisas, não é possível, no entanto, dizer nada sobre as tendências dos números de agora para diante. Entre a da Vox, com campo terminado em 17 de janeiro, e a do Datafolha, encerrada em 25 de fevereiro, são quase 40 dias, com alterações apenas na margem de erro. Parece mais correto, portanto, falar de estabilidade ao longo do período, e não de algo que estaria em pleno andamento.

É verdade que há, segundo o Datafolha, um pequeno encurtamento da diferença pró-Serra, que poderia apontar para novas reduções nas próximas semanas. Mas é prematuro qualquer prognóstico como esse, levando em conta, como sempre se deve levar, a incerteza implícita nos resultados das pesquisas.

A verdadeira novidade do Datafolha está, portanto, em ter confirmado o que as duas pesquisas de janeiro mostraram, especialmente depois que outra, do Ibope, feita no começo de fevereiro, havia devolvido a vantagem de Serra ao patamar dos dois dígitos. Essa, realizada entre os dias 6 e 9 do mês, tinha Serra com 36% e Dilma com

Pesquisas eleitorais são um elemento indissociável do processo político moderno

25%, ou seja, com uma frente de 11 pontos percentuais, mais do dobro que os 5 pontos da Sensus de uma semana antes.

Pouco destaque se deu, na divulgação desses resultados, ao fato de que eles eram substancialmente diferentes do quadro apontado pelo mesmo Ibope em dezembro, quando Serra tinha uma vantagem de 21 pontos sobre a candidata do PT. Sua redução para quase a metade, nos 11 pontos de fevereiro, foi menos enfatizada que serem maiores que os 5 ou 7 pontos dos outros institutos.

O bom disso tudo é que mostra que temos hoje, no Brasil, algo que faz parte da vida democrática contemporânea. Pesquisas eleitorais são um elemento indissociável do processo político moderno, mesmo que todos (incluindo os responsáveis por elas) saibam de sua falibilidade e limitações. E é positivo que sejam muitas, para que as pessoas que se interessam por elas possam comparar o que dizem e tirar suas próprias conclusões.

Não importa que, às vezes, alguns queiram usá-las nos embates comerciais entre os veículos ou nos enfrentamentos políticos. No fim, o que prevalece é sua função informativa.

**VENDE**

**VENDE TAMBÉM**

**PRECISOU? A GENTE VENDE. ANUNCIE: 3228-2000 OU VÁ A UMA DE NOSSAS LOJAS.**

**Clasifica Dos**

**ESTADO DE MINAS**

Negócios & Oportunidades

Casa e Você | Serviços